



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO D CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – CAMPUS – IV – JACOBINA**

MONIQUE PEREIRA SILVA SOUZA

CRISE DE IDENTIDADE NA OBRA LITERÁRIA *O PATINHO FEIO*

**JACOBINA-BA
2018**

MONIQUE PEREIRA SILVA SOUZA

CRISE DE IDENTIDADE NA OBRA LITERÁRIA *O PATINHO FEIO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Língua Portuguesa e Literaturas, Habilitação em Letras, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof.^a Dra. Denise Dias de Carvalho Sousa.

JACOBINA-BA

2018

MONIQUE PEREIRA SILVA SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Aprovado em 9 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Denise Dias de Carvalho Sousa
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
(Orientadora)

Prof. Esp. Abinácio Ubiratan Cruz Subrinho
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Prof. Esp. Wermerson Meira Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me dado forças para continuar nessa graduação em todos momentos difíceis que passei na faculdade, não me deixando desanimar e me dando forças para seguir em frente e alcançar meu objetivo aos meus familiares, especialmente minha irmã Gabriela Pereira Silva Souza ,pois se não fosse por ela eu não estaria realizando um sonho; e meus pais Marleide Pereira Silva Souza e Aloisio Gomes de Souza por sempre me apoiarem nos momentos de provações e por nunca duvidarem que eu seria capaz de realizar meus sonhos. Enfim, agradecer a todos os meus amigos e à minha orientadora Denise Dias por ter assumido esse compromisso de ser minha orientadora e me ajudar a fazer um recorte no meu trabalho, sempre me incentivando a não desistir do tema. Que Deus a abençoe sempre!

RESUMO

O presente estudo trata da análise da obra literária *O Patinho feio*, tendo como recorte principal a crise de identidade na vertente de signos e significados, destacando-se o personagem principal, o patinho feio, e a sua trajetória de origem e crescimento. Analisam-se o universo do conto maravilhoso e sua morfologia; a representação do patinho feio no conto e a relação da história de vida de seu autor, Hans Christian Andersen, com a personagem principal. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com embasamento teórico, destacam-se: Nelly Novaes Coelho (2006, 2008), Nádia Batella (2006), Bruno Betlheim (1980), Carl Jung (2008) e Stuart Hall. O conto *O patinho feio* põe em questão uma dificuldade pela qual alguns adolescentes passam, que é a de serem ou não serem aceitos pela família, pelos amigos, pela sociedade e/ou não se aceitarem como são. Torna-se perceptível no decorrer da análise que o conto infantil é rico em signos e significados os quais têm alto poder na compreensão do ser humano, manifestando-se através da fantasia, da imaginação e dos sonhos, alcançando, assim, a mente da criança. O patinho feio apresenta inicialmente o estigma de um animal bobo, sem importância e de baixa autoestima, entrando em conflito existencial, pois não sabia da sua origem, passa por uma metamorfose e descobre que é um cisne, encontrando assim sua verdadeira identidade. Conclui-se, assim, que a intenção de Hans Christian Andersen era mostrar para as crianças e adolescentes que eles precisavam acreditar mais em si, aceitando-se como são.

Palavras-chave: Contos infantis. O patinho feio. Crise de identidade. Hans Christian Andersen.

ABSTRACT

The present study deals with the analysis of the literary work “The Ugly Duckling”, having as main cut the identity crisis in the strand of signs and meanings, highlighting the main character, the ugly duckling, and its trajectory of origin and growth. The universe of the wonderful tale and its morphology are analyzed; the representation of the ugly duckling in the story and the relationship between the life of its author, Hans Christian Andersen, with the main character’s. As a theoretical background, the following stand out: Nelly Novaes Coelho (2006, 2008), Nádia Batella (2006), Bruno Betlheim (1980), Carl Jung (2008) and Stuart Hall. The tale “The Ugly Duckling” calls into question the difficulty for some adolescents of whether or not being accepted by family, friends, society and of accepting/or not themselves as they are. We could notice in the course of analysis that the infant story is rich in signs and meanings that have high power in the understanding of the human being, manifesting through fantasy, imagination and dreams, thus reaching the mind of the child. “The Ugly Duckling” initially presents the stigma of a silly, unimportant and of low self-esteem animal, entering into existential conflict, because it did not know of its origin. Then, it undergoes a metamorphosis and discovers itself as a swan, thus finding its identity. We could conclude, therefore, that Hans Christian Andersen's intention was to show children and adolescents that they need to believe more in them, accepting themselves as they are.

Keywords: Tales .The ugly duckling. Identity crisis. Hans Christian Andersen.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONTOS INFANTIS: EIS A QUESTÃO	12
1.1 O UNIVERSO DOS CONTOS CLÁSSICOS INFANTIS: CONTO MARAVILHOSO VERSUS CONTO DE FADAS.....	12
1.1 A MORFOLOGIA DO CONTO O PATINHO FEIO.....	17
2 OS SÍMBOLOS E OS SIGNIFICADOS NOS CONTOS INFANTIS	21
2.1 A IMPORTÂNCIA DE SE CONHECER E ENTENDER OS SÍMBOLOS E OS SIGNIFICADOS NOS CONTOS INFANTIS	22
2.2 OS PRINCIPAIS SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS EM O PATINHO FEIO	23
3 A CRISE DE IDENTIDADE EM O PATINHO FEIO	25
3.1 O CONCEITO DE IDENTIDADE: BREVE PANORAMA	26
3.2 O CONFLITO DE EXISTÊNCIA EM O PATINHO FEIO	27
3.3 A RELAÇÃO ENTRE HANS CHRISTIAN ANDERSEN E O PATINHO FEIO	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

A minha inquietação me levou a pesquisar a crise de identidade no conto *O patinho feio*, mas antes de entender porque o patinho passava por esse conflito, tive a curiosidade de pesquisar sobre as origens dos contos e entender a importância de conhecer o universo dos contos clássicos infantis (O que são os contos clássicos infantis? Como surgiram? Por que devemos lê-los?) .

Depois, foi imprescindível conhecer os diferentes tipos de narrativas para saber diferenciar os contos maravilhosos dos contos de fadas. Logo após, trabalhei com a morfologia do conto, segundo Propp (2010), analisando também a sua estrutura, segundo esse autor. Foi imprescindível pesquisar e estudar também sobre os símbolos e os significados nos contos infantis, segundo Coelho (2008).

A autora descreve que os símbolos têm alto poder na compreensão do ser humano, pois se manifestam através das fantasias, da imaginação e dos sonhos, alcançando, assim a mente da criança. O psicólogo Carl Gustav Jung usou o conceito de arquétipo em sua teoria da psique humana para tratar dos símbolos. Ele acreditava que arquétipos de míticos personagens universais residiam no interior do inconsciente coletivo das pessoas em todo o mundo. Exemplificamos o mítico personagem universal: o patinho feio, do conto *O patinho feio*. Arquétipos representam motivos humanos fundamentais de nossa experiência; como nós evoluímos, evocando emoções profundas.

A maioria, se não todas as pessoas, tem vários arquétipos em jogo na construção da sua personalidade. No entanto, um arquétipo tende a dominar a personalidade em geral. Ele pode ser útil para saber quais arquétipos estão em jogo em si e nos outros, especialmente nos entes queridos, amigos e colegas de trabalho, a fim de obter uma visão pessoal sobre comportamentos e motivações.

Em se tratando da criança, esta, através do senso comum, tenta criar um significado para determinado personagem do conto. Entretanto, não são todos os símbolos que têm uma explicação coerente para a criança, mas minha curiosidade foi além; quis conhecer sobre os

símbolos e os significados nos contos infantis e saber por que o autor Hans Christian Andersen escolheu o signo pato e a simbologia do cisne para representar esse conto.

Só assim decidi pesquisar sobre a crise de identidade e seu conceito, para depois entender porque o patinho passou por esse conflito de existência. Daí estudar primeiro o conceito de *identidade* para depois entender porque o autor Hans Christian Andersen decidiu abordar esse problema social em seu conto.

Minha inquietação foi aumentando a cada passo analisado. Percebi que tinha uma questão que ainda precisava ser esclarecida: qual era a relação do autor Hans Christian Andersen com o conto *O patinho feio*. Foi necessário entender todas essas inquietações para encontrar a verdadeira intenção por detrás desse conto, ou seja, qual a intenção do autor quando escreveu o mesmo.

Ele queria deixar uma mensagem para os adolescentes que, mesmo sendo diferentes, ainda podiam ser reconhecidos por algo que faziam, ou a intenção foi só deixar uma lição sobre o poder transformador do indivíduo quando este sente que está inserido em um lugar que reconhece ser realmente o seu habitat? É necessário ressaltar que muitos indivíduos passam por um problema existencial que é o de não se aceitar como são, e muitas vezes não se reconhecerem na família na qual estão inseridos.

Portanto, é necessário que as crianças e os adolescentes nunca percam o poder da imaginação, pois através dos contos eles desenvolvem o raciocínio lógico para interpretar determinado assunto. Os contos infantis surgiram das narrativas orais, sendo estes fundamentais na vida das crianças, uma vez que possibilitam a elas uma valorização da imaginação. Tal tradição, popularmente ou erudita, redescoberta ou recriada por escritores cultos, é imprescindível para que as crianças não percam a fantasia, elemento essencial para o contato desta com a realidade.

A imaginação e a fantasia fazem parte do processo cognitivo da criança. No momento em que ela imagina está desenvolvendo o processo criativo no qual terá a possibilidade de entender e criar histórias e, principalmente, fazer uma releitura, identificando enredos, personagens e vivências parecidas com as suas. Assim, a escola tem um papel fundamental tanto em relação à inserção dos contos infantis na vida da criança quanto na escolha e mediação destes.

Os contos infantis têm origem nas camadas profundas do inconsciente de todos os seres humanos, pois pertencem ao mundo da fantasia tanto da criança como do adulto, sendo estes necessários, principalmente, para a criança, que não pode perder o direito de sonhar algo melhor para si e para sua família. Segundo Freud (2008), a criação artística e os sonhos, quando são estimulados através do imaginário, possibilitam as pessoas falarem e escreverem de acordo com os seus conflitos e desejos pessoais, que podem representar algumas crises, como a de tentar ser diferente e ser aceito.

Hans Christian Andersen talvez seja o autor mais conhecido da literatura infantil mundial, visto ser considerado a "primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças", unindo em suas histórias a fantasia e a imaginação, as quais trazem contrastes da vida humana. Andersen foi responsável pela ressignificação do conto de fadas e um alargamento de seus limites para acomodar novos desejos e fantasias. Entre tantas histórias criadas, destacamos: *A Pequena Sereia*, *Soldadinho de Chumbo*, *A roupa nova do imperador*, *O patinho feio*.

Ao escrever o conto *O patinho feio*, o autor Hans Christian Andersen trouxe uma questão muito preocupante: a crise de identidade, pois ele mostra que o patinho feio não se reconhece na família na qual está inserida, descrevendo, assim, a situação que muitas pessoas passam, quando estas não se reconhecem.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é analisar a crise de identidade na obra literária *O patinho feio*, examinando os signos e significados, sendo os específicos: apresentar e identificar o conflito existencial desse personagem, na vertente da morfologia do conto infantil; refletir sobre a importância de se conhecer os símbolos e os significados dos contos infantis; identificar qual é a representação do patinho feio no conto, e, por fim, avaliar a relação do autor Hans Christian Andersen com a personagem principal do conto em análise.

O patinho feio traz um problema social quando aborda a questão da identidade. Muitos jovens na fase da adolescência passam pela chamada *crise de identidade*: serem ou não serem aceitos pela família, pelos colegas ou pela sociedade; ou seja, não se aceitar como são. Na narrativa de Andersen, o personagem o patinho feio passa por um processo de crise de identidade, pois é excluído pelos irmãos, pelos outros bichos e, posteriormente, pela mãe, por ser diferente e pelo fato de não ter características de um pato.

Os irmãos não brincam com ele e nem deixam que ele se aproxime, usando da indiferença só pelo fato do patinho feio não está dentro dos padrões. A identidade é o aspecto mais importante de um indivíduo, sendo que cada pessoa desenvolve a sua personalidade. Possuímos características distintas que nos diferenciam dos outros e estas estão relacionadas com a nossa história de vida pessoal.

Assim, a escolha desse livro se deu por causa de memórias da infância, pois gostava muito de ler esse conto quando era criança e ao chegar na faculdade de Letras no primeiro semestre, li o livro da autora Clarice Lispector, no qual a personagem Macabea passava por uma crise de identidade. Então me interessei pelo tema, lembrando do conto *O patinho feio*, que se adequava às minhas inquietações. Então, resolvi pesquisar sobre a crise de identidade no conto *O patinho feio* na perspectiva de análise de signo e significado, com base nos estudos de Nelly Novaes Coelho (2006, 2008), Nádia Batella (2006), Bruno Betlheim (1980) e Stuart Hall (2011).

No primeiro capítulo, apresentarei o que são os contos clássicos infantis, como surgiram e por que devemos lê-los. No capítulo II, discutirei sobre o tema a partir de suas definições/significados, explorando o conceito de representação. No capítulo III, tomarei como referência o contexto da pesquisa e trabalharei o conceito de identidade, o conflito de existência na obra *O patinho feio* e a relação entre Hans Christian Andersen e esse conto.

1 CONTOS INFANTIS: EIS A QUESTÃO

Contar histórias é uma prática exercida desde os primórdios da humanidade, uma forma de retratar uma sociedade em um tempo e lugar, transmitindo valores humanos e conhecimentos. Esse exercício, que, por sua vez, demonstra ludicidade, nutre em si a possibilidade de reflexão e formação da personalidade do ser humano, examinando os nossos próprios valores e conhecimentos com os dos outros. Assim, para a educação se mostra valioso, especialmente na infância, com o intuito da criança formar-se e informar-se sobre a vida e os ambientes que as cercam.

1.1. O UNIVERSO DOS CONTOS CLÁSSICOS INFANTIS: CONTO MARAVILHOSO VERSUS CONTO DE FADAS

Nádia Battela Gotlib (2006, p. 10) traz três acepções para a palavra *conto*, baseando-se no entendimento de Júlio Casares: “relato de um acontecimento”; “narração oral ou escrita de um acontecimento falso” e “fábula que se conta às crianças para diverti-las”. Todas apresentam um ponto em comum: são narrativas.

Segundo Nadia Batella (2006), existe a questão da terminologia *novel* usada do século XVI ao XVIII, como prosa narrativa de ficção com personagens ou ações representando a vida diária. Diferenciava-se do romance, forma mais longa e mais tradicional. No século XIX, com o declínio do romance antigo, de reminiscências medievais, a *novel* preencheu o espaço disponível, perdeu as associações originais, deixou de ser breve, virou romance. Hoje, *novel*, em inglês, é romance. E só no século XIX surge um termo específico para estória curta, a *short-story*. Há ainda a *long short story*, para a novela. E o *tale*, para o conto. Modernamente, sabe-se que *fabula* é a estória com personagens animais, vegetais ou minerais, tem objetivo instrutivo e é muito breve.

A história do conto, em linhas gerais, pode se esboçar a partir do critério de invenção (BATTELA, 2006, p. 13). Antes, a criação do conto e sua transmissão oral, depois, seu registro escrito e, posteriormente, a criação por escrito, quando o narrador assumiu a função: de contador –criador; escritor de contos, afirmando, então o seu caráter literário.

Segundo Battela (2006, p 13), a voz do contador, seja oral ou escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo de como se conta: entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões, que é passível de ser elaborado pelo contador. Neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório, mais fidelidade a nossa realidade.

Mas a questão não é tão simples assim. Trata-se então de registrar a nossa realidade? A cotidiana, a do dia a dia ou a nossa fantasiada? Ou ainda, a realidade contada literalmente? Justamente por isto, por usar recursos literários, segundo as intenções do autor, sejam estas as de conseguir maior ou menor fidelidade, não seria já uma invenção? Não seria já produto de um autor que as elabora como tal? Há, pois, diferença entre um simples relato, que pode ser um documento, e a literatura, um texto ficcional. Assim, podemos afirmar que o conto não é documento, é literatura.

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos, trata-se de uma invenção, conforme Castagnino (2006). A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade, o que existe, de fato, é ficção, a arte de inventar, um modo de se representar algo. Há naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real.

Segundo Propp (2010), existem duas origens para a palavra *conto*. A primeira refere-se à pré-história, em que o conto e o relato sagrado se confundiam: conto/mito/rito. Entendemos mito no sentido de relato sobre a divindade ou seres divinos em cuja realidade o povo crê. E rito, tal como costume e segundo Engels, ou seja, como atos ou ações cuja finalidade é operar sobre a natureza e submetê-la. Nessa fase religiosa, os mais velhos contavam aos jovens suas origens, para informá-los dos sentidos dos atos a que estavam submetidos: para justificar as proibições que lhes eram feitas, por exemplo. O relato fazia parte do ritual religioso, do qual constituía uma parte imprescindível. E havia proibição de narrar alguma coisa, por que o narrar estava imbuído de funções mágicas, que não eram permitidas a todos. Nem estes podiam narrar tudo. Propp afirma que o relato faz parte do cerimonial, do rito, está vinculado a ele e à pessoa que

passa a possuir o amuleto: é uma espécie de amuleto verbal, um meio para operar magicamente o mundo.

A segunda fase que fala Propp (2010) é a da história mesma do conto, quando ele se libera da religião e passa a ter a vida própria. O relato sagrado torna-se profano. Os narradores, antes sacerdotes ou pessoas mais velhas, passam a ser pessoas quaisquer. Assim, os relatos perdem seu significado religioso e os contos são contados como se contam os contos, ou seja, literariamente. Nesta nova vida, livre dos convencionalismos religiosos, evade-se na livre atmosfera da criação artística que recebe seu impulso de fatores sociais, que já são outros diferentes e começa a viver uma vida exuberante.

Todo conto infantil apresenta algo de “maravilhoso”. Entretanto, há na revisão de literatura os termos *conto maravilhoso* e *conto de fadas*. Neste trabalho, vamos nos deter nos contos maravilhosos, visto ser o nosso objeto de análise *O patinho feio*, considerado um conto maravilhoso. Assim, faz-se necessário esclarecer o que se entende por *maravilhoso*, bem como diferenciar *conto maravilhoso* de *conto de fadas*.

Nelly Novaes (2010), ao explicar sobre o maravilhoso, descreve que temos que recorrer de imediato à noção de magia. Assim, é de extrema importância conhecer o conceito de Irlemar Chiampi (1980, p.43), quando esclarece que: “Magia, em acepção corrente, é a arte ou saber que pretende dominar seres ou forças da natureza e produzir, através de certas práticas e fórmulas, efeitos contrários às leis naturais”. Segundo Chiampi (1980, p 48), “maravilhoso é o ‘extraordinário’, ‘o insólito’, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém a maravilha, do latim *mirabilia*, ou seja, ‘coisas admiráveis’ (bobas ou execráveis, boas ou horríveis), contrapostas às naturalia [...]”.

Isso tem a ver com magia, com o fato de algo responsável pelo que transpõe, pelo que modifica. Chiampi (1980, p 48) diz ainda que o maravilhoso difere radicalmente do humano, ou seja, é tudo produzido pela intervenção dos seres sobrenaturais. Nesse caso, os sobrenaturais existem como responsáveis por intervir em fatos, acontecimentos que poderiam até seguir um curso natural, no entanto, é contraposto, é modificado. Nessa reflexão já fica perceptível a diferenciação dos contos maravilhosos, pois os personagens desses contos são animais, já nos contos de fadas seus personagens são reis, rainhas, príncipes e princesas.

De acordo com Coelho (2008), os contos de fadas fazem parte dos livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores

ou ouvintes de todas as idades. Essa autora afirma que os contos são de natureza espiritual, ética e existencial, ligada à realização interior do indivíduo, basicamente por intermédio do amor, pois são plenos de significados, com estruturas simples, histórias claras e personagens bem definidos em suas características pessoais.

Os contos de fadas pertencem ao mundo dos mitos. A fada ocupa um lugar privilegiado na aventura humana. Sendo limitado pela materialidade de seu corpo e do mundo em que vive, é natural que o ser humano tenha precisado sempre de mediadores mágicos. Com eles, é possível a realização de seus sonhos, ideais, aspirações. Sempre existiram mediadores opostos. Os primeiros (fadas, talismã, varinhas mágicas) para ajudar; os segundos (gigantes, bruxas, feiticeiros) para atrapalhar ou impedir seus desígnios (COELHO, 2008). Os contos conseguem deixar fluir o imaginário e levar a criança a ter curiosidade, que logo é respondida no decorrer da leitura dos contos.

Bruno Bettelheim (2004), em sua obra *A psicanálise dos contos de fadas*, tem o intuito de mostrar que os contos são significativos, pois ajudam a lidar com os problemas referentes ao desenvolvimento infantil, além de estimular a criatividade e imaginação, contribuindo para a formação leitora, desenvolvendo a personalidade dos pequenos leitores. Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece, ainda, significado em níveis diferentes, enriquecendo a existência da criança.

Os contos de fadas têm nítido sentido em agradar a criança, mas também proporcionam liberdade para que ela construa as suas associações primordiais para sua formação pessoal e social. Os contos devem ser transmitidos desde a primeira infância, pois esse é o momento de começar a estimular a criança para, quando for adulta, saber resolver seus problemas, saindo feliz de uma determinada experiência. Ao longo dos tempos o conto de fadas tem exercido um papel importante no imaginário das crianças, auxiliando no desenvolvimento delas. Elas passam a desejar ser aquele personagem preferido, e isso pode ser uma ferramenta eficaz na formação de crianças e também de adolescentes que se encantam pelos contos. Assim novas maneiras de protagonizar velhas histórias podem sinalizar mudanças de comportamentos sociais, melhor compreensão dos estereótipos que os cercam, como a representação do feminino/masculino e preconceitos, bem como elucidar questões pertinentes a atual sociedade.

O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte [...]. Como sucede com

toda grande arte, o significado mais profundo dos contos de fadas será diferente para cada pessoa em vários momentos de sua vida (BETTHELHEIM, 1988, p. 20 - 21).

É possível perceber nas narrativas dos contos infantis e juvenis a caracterização de papéis atribuídos socialmente a homens e mulheres, de maneira que se impregna como formas únicas de serem vividas. Assim, os contos de fadas tradicionais se apresentaram maniqueístas, bipolarizadores e excludentes.

Desse modo, os contos permitem tanto as crianças quanto aos adultos idealizar estratégias para tomar uma posição no mundo e entender o que os rodeia. Estudados na infância, fornecem sentidos, estruturam e configuram as dificuldades que o ser humano enfrenta no seu dia a dia.

[...] há a presença ainda viva do contador tradicional que com repertório próprio pratica sua arte e transmite seu saber. Este contador merece, sem dúvida, ser não somente estudado, mas ter o seu repertório coletado e conservado. (PATRINI, 2005, p. 209)

Assim, crianças que ouvem essas histórias desde cedo aumentam a fantasia e o poder de raciocínio. Mais do que isso, desenvolvem uma relação com sua própria história e cultura. Ao ouvir, aprendemos. Por esse viés é tão importante incentivar a capacidade de ouvir desde cedo.

Neste aspecto, é necessário que tais contos sejam narrados de geração em geração ao longo dos séculos, pois, dessa forma vão adquirindo várias fórmulas. Começando assim muitas vezes por "Era uma vez"? "E terminando com "viveram felizes para sempre". A fórmula "era uma vez", não só ajuda um conto fantástico a atingir credibilidade, como salienta a universalidade dos temas presentes; os conflitos não são locais, mas de todos os tempos e para todos os lugares. Se as personagens centrais vivem "felizes para sempre", é porque cresceram como seres humanos, os quais merece, a felicidade que recebem.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significados em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTHELHEIM, 1988, p. 20).

Nesta circunstância, segundo o autor, o conto não é tido unicamente como diversão, mas uma forma de esclarecer sobre o mundo em que esta criança se encontra inserida. Bettelheim (1988) salienta que as histórias modernas escritas para crianças pequenas impedem as dificuldades existenciais, embora sejam questões decisivas para o ser humano durante toda sua vida. A

criança precisa muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma alegórica sobre o modo como ela deve lidar com tais questões e crescer a salvo para alcançar a maturidade.

Com base nessa afirmativa, essa prática de antigamente é utilizada nos dias atuais. Além do mais, aproxima os pais dos filhos, pois os filhos sempre solicitam aos pais que leiam algum livro, ou conto (historias) antes de dormir. O conto, assim, é tido como algo de deleite, pois as crianças estabelecem um vínculo com os pais no momento da contação e entende através das histórias lidas situações que possivelmente viverão.

Retomando nossa análise sobre o conto maravilhoso, objeto de estudo deste trabalho, André Jolles (2006) o entende como fábula que se conta às crianças para diverti-las. Liga-se mais estreitamente ao conceito de estória e do contar estórias, e refere-se, sobretudo, ao conto maravilhoso, com personagens não determinadas historicamente. E narra como “as coisas deveriam acontecer”, satisfazendo assim uma expectativa do leitor e contrariando o universo real, em que nem sempre as coisas acontecem da forma que gostaríamos.

Jolles (2006) afirma que se faz necessário um conto maravilhoso ter personagens, lugares e tempos, que são indeterminados historicamente. Sua marca registrada é o *era uma vez...*, que costuma iniciar os contos maravilhosos, os quais obedecem a uma questão moral da história. O conto *O patinho feio* se encaixa nos tipos de contos maravilhosos, pois, trata-se de um conto que narra a história de um animal, a qual deixa uma lição para os leitores.

1.1 A MORFOLOGIA DO CONTO O PATINHO FEIO

Para Vladimir Propp (2010), existem as funções, as transformações e as origens dos contos. As funções e a permanência das formas simples do conto maravilhoso, que André Jolles desenvolveu (1929), foram minuciosamente examinadas por Propp, em *A morfologia do conto* (2010). Segundo os moldes do formalismo russo, esse autor estudou as formas para determinar as constantes e variantes dos contos, comparando suas estruturas e sistemas.

Para Propp (2010), era preciso, antes de qualquer coisa, descrever os contos. Como estabelecer teses sobre a origem dos contos e determinar tipos de contos antes de se saber o que é conto?

Por não saber qual a estrutura destes contos maravilhosos é que o autor rejeitou classificações, como a que divide os contos em: histórias fantásticas, histórias tomadas da vida cotidiana e histórias de animais. Ou a que tenta dividi-los por assuntos: contos animais, contos propriamente ditos, contos jocosos, sem especificar na verdade o que é assunto e o que é variação de um assunto, possibilitando o enquadramento de um conto em mais de um tipo destes três.

Propp (2010) afirma que a uniformidade específica do conto não se explica, pois, o autor separa por temas, por motivos, por assuntos, ainda que eles se repitam, mas por unidades estruturais em torno das quais estes elementos se agrupam. Para estabelecer o que é conto entenda-se aqui conto maravilhoso o autor determina então uma ‘morfologia do conto’, isto é: faz-se uma descrição do conto segundo as partes que o constituem e segundo as relações destas partes entre si e destas partes com o conjunto do conto.

Propp (2010, p 21), partindo da análise da ação das personagens, constata que há ações constantes, que ele chama de funções. Função seria, então “a ação de uma personagem, definida do ponto de vista do seu significado no desenrolar da intriga”. Para o autor, estas funções ou ações constantes são independentes das personagens que as praticam e dos modos pelos quais são praticadas. Isto é, as mesmas ações são praticadas por personagens diferentes e de maneiras diferentes.

Ao examinar os contos russos, Propp (2010 p 21) encontrou cerca de 150 elementos que compõem o conto e 31 funções constantes, cuja sucessão, no conto, é sempre idêntica. O conto maravilhoso seria, então, o que apresenta estas funções em determinada ordem de sequência, que não se altera. É possível que um conto não apresente todas as funções. Mas é impossível que a ordem das funções que aparecem no conto seja modificada. Estes processos ou passagens de uma função a outra são os movimentos do conto. Analisar o conto implica determinar também estes seus movimentos.

Segundo Propp (2010, p. 21) afirma, basta nos lembrarmos de qualquer conto maravilhoso, ouvido na infância ou depois dela, para reconhecermos, de imediato, certas funções. Em *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, há a função da ausência de um dos membros da família, que é a primeira função determinada por Propp. E há também uma ordem que lhe é dada (pela

mãe); o engano da vítima (pelo lobo, que irá devorá-la); a salvação do herói (pelo caçador); a punição do antagonista (morte do lobo).

Segundo Propp (2010), a morfologia do conto é definida através de uma estrutura que se dá por meio de cada conto. Sendo os contos maravilhosos extremamente variados, devemos dividi-los em várias partes, classificando-os. Essa classificação deve se dá através de uma base de estudo, sendo esse um exame preliminar profundo.

Assim, o estudo do conto maravilhoso é feito através de uma análise, na qual o autor destaca a função da personagem, ou seja, ações de cada personagem no conto, agrupando-as facilmente em pares. Por exemplo, a imposição de uma tarefa difícil implica sua solução, a perseguição termina em salvamento, a batalha traz a vitória, a desgraça ou o desastre com os quais tem início o conto desaparecem na conclusão (PROPP, 2010). Será por essa vertente que analisarei o conto *O patinho feio*.

A história começa com o nascimento do patinho e de seus irmãos:

Finalmente, um após o outro, os ovos foram estalando: pip,pip! diziam, e as gemas adquiriam vida e botavam a cabecinha de fora. Rápido, rápido dizia ela, e os filhotes saiam o mais rápido que podiam e sentavam-se sob as folhas verdes, e a mãe deixava-os olhar o quanto quisessem, pois o verde faz bem para os olhos. (ANDERSEN, 1993, p. 6)

É a partir dessa situação inicial que os elementos morfológicos vão aparecendo, a saber:

1-Definição: interrogatório; designação:

O último ovo estalou e nasceu um pato totalmente diferente dos outros e a pata imaginou que ovo por ser diferente que era um peru, mas a mamãe pata esperta que era resolveu fazer um teste levou todos os patinhos para nadar e percebeu que o ultimo patinho não era um peru, pois nadava igual aos outros patos, ao chegarem no quintal dos patos, a pata mais velha falou: -Veja só agora vamos ter outra turminha aqui dentro como se já não fossemos suficiente! E vejam aquele pato como é feio! E a pata bicou o patinho e a mamãe pata reclamou deixe-o em paz! Ele não fez mal algum, mas ele é grande demais precisa apanhar! Respondeu a outra pata. (ANDERSEN, 1993, p. 6)

2- Definição: dano:

Ela elogiou os outros patos, disse que todos saíram muito bem, menos aquele ali, eu gostaria que a senhora pudesse chocá-lo outra vez. A mamãe pata tentou argumentar que o pato era bonito do jeito dele, quando ele crescer vai ficar mais bonito quem sabe até um pouco menor, ele deve ter saído grande porque ficou muito tempo dentro do ovo, por isso não saiu com um formato bom, o

patinho foi ignorado pelos outros animais só pelo fato de ser diferente. (ANDERSEN, 1993, p. 7-8)

3- Definição: carência:

Os outros bicaram e expulsaram o pato por causa da sua aparência diziam que eles era feio, as galinhas o pavão, o pobre patinho foi rejeitado por todos até seus irmãos e sua mãe maltratavam, os irmãos torciam para o gato comer o patinho. O patinho fugiu. (ANDERSEN, 1993, p. 8)

4- Definição: mediação, momento de conexão:

Ao amanhecer o patinho encontrou os patos selvagens. Quando o patinho acordou os patos selvagens perguntaram: Quem é você? os patinhos falaram você é um bocado feio, mas os patos falaram que isso não interessava desde que ele não casasse com alguém da família deles, coitado o pato pensou o que eu quero é beber água, ficou por ali durante dois dias, quando os gansos selvagens chegaram falaram para o patinho: - Olhe companheiro você é tão feio que eu até gosto de você! E convidou o patinho para ir com eles, pois assim o patinho com a sua feiura teria possibilidade de arranjar uma namorada, ao chegarem no brejo os gansos selvagens foram mortos por caçadores, o patinho ficou assustado e decidiu correr o mundo, flutuando e mergulhando na água, mas todos os animais do brejo o desprezavam por sua feiura. (ANDERSEN, 1993, p. 9)

5-Definição: início da reação:

Numa tarde de sol descia o patinho para o bosque, quando aproximaram lindas aves que eram brancas e brilhantes tinham os pescoços longos e flexíveis: eram cisnes e soltaram gritos estranhos, abriram suas vistosas e imensas asas e voaram bem alto. O patinho feio ficou maravilhado rodando na água feito um pião, de pescoço estirado, olhando para eles e soltou um grito tão alto e deslumbrado que ele mesmo se assustou. (ANDERSEN, 1993, p. 10)

6- Definição: reação do herói: “O patinho viu o seu reflexo na água, e percebeu que já não era mais um pássaro cinzento e sim que era um cisne. O patinho ficou tão contente com a descoberta que saiu voando.” (ANDERSEN, 1993, p.11)

Nesse conto analisamos primeiro a questão da definição interrogação, pois trata-se do momento que começam as dúvidas da mamãe pata e seus amigos sobre qual é a verdadeira identidade do patinho, já a designação o patinho nasce em um estranho ninho. Depois analisaremos a questão de dano que é quando o patinho sofre a rejeição dos outros patos, é necessário analisar ainda

definição de carência que acontece quando o pato se vê sozinho e sofre rejeição dos outros animais que o expulsam do local, foi imprescindível identificar a questão da definição de mediação, momento de conexão, no qual o patinho ao fugir de casa ele encontra os gansos selvagens e mesmo assim percebem que o pato é feio, mas mesmo assim eles não excluem o pato, um momento de conexão quando o pato se sente acolhido no habitat.

Depois destacamos a reação inicial do patinho ao encontrar belos cisnes e ao mesmo tempo ele fica admirado com as características dos cisnes, pois eram lindas aves brancas e brilhantes tinham os pescoços longos e flexíveis soltaram gritos estranhos, abriram suas vistosas e imensas asas e voaram bem alto. O patinho feio ficou maravilhado rodando na água feito um pião, de pescoço estirado, olhando para eles e soltou um grito tão alto e deslumbrado que ele mesmo se assustou. E por último analisamos a reação do herói foi quando o pato viu o seu reflexo descobrindo que ele era um belíssimo cisne, percebendo a sua verdadeira identidade.

2 OS SÍMBOLOS E OS SIGNIFICADOS NOS CONTOS INFANTIS

Os símbolos têm alto poder na compreensão do ser humano, pois se manifestam através das fantasias da imaginação e dos sonhos, quando as crianças fazem seus desenhos, durante suas brincadeiras nas horas de lazer e através dos contos que transmitem alguma mensagem, o símbolo tem um significado muito importante, pois ajuda a criança a buscar o que se esconde por detrás e entender a definição do significado simbólico. Através do senso comum a criança tenta criar um significado para determinado personagem do conto, entretanto, não são todos os símbolos que tem uma explicação coerente para a criança.

Os símbolos correspondem a figuras de linguagem, imagens ou metáforas e alegorias, correspondendo a um processo de transfiguração do real em imagem, através dos recursos estilísticos responsáveis pela existência do conto. Segundo Jung (2011), tudo aquilo que um conteúdo arquétipo exprime é, antes de mais nada, uma figura de linguagem. Se ela fala do sol e identifica-o leão, com o rei, com o tesouro vigiado, ou do pato que simboliza o cisne, aquilo permanece desconhecido em linguagem lógica. É pela transformação dos mitos e arquétipos em linguagem simbólica que podem ser transformadas em sabedoria da vida se difundindo com os contos de fadas ou maravilhosos. Em nossos tempos, tais mitos e arquétipos continuam engendrando a verdadeira literatura, por intermédio de novas linguagens simbólicas.

2.1 A IMPORTÂNCIA DE SE CONHECER E ENTENDER OS SÍMBOLOS E OS SIGNIFICADOS NOS CONTOS INFANTIS

Segundo Coelho (2008), os símbolos como figuras de linguagem ou lado símile, da imagem, da metáfora e da alegoria, cada qual correspondendo a um processo de transfiguração do real em imagem poética, fazem parte dos recursos estilísticos responsáveis pela existência do poema. Entretanto, podemos relacionar o mito e o arquétipo como linguagens importantes para a linguagem simbólica, pois emergem do imaginário, no qual são intuídos. Adquirem presença ou realidade e se revelam como expressão comunicável ao mundo.

Jung (2008) ressalta que tudo aquilo que um conteúdo arquétipo exprime é, antes de mais nada, uma figura de linguagem. Foi pela transformação dos mitos e arquétipos em linguagem simbólica que a sabedoria da vida pôde se difundir por todo o mundo, através dos contos de fadas ou maravilhosos. Em nossos tempos, tais mitos e arquétipos continuam engendrado a verdadeira literatura, por intermédio de novas linguagens simbólicas. Os tempos mudam, mas a condição humana continua a mesma.

Jung (2008) afirma que a linguagem simbólica é, pois, a mediadora entre o espaço imaginário (do inconsciente, do mistério, do enigma) e o espaço em que nossa vida se cumpre. Já Coelho (2008) afirma que os contos maravilhosos e os pensamentos elementares na metade do século XIX, paralelamente a essa interpretação naturalista, desenvolvem-se outras correntes de base psicológica, como a liderada pelo psicólogo alemão Adolf Bastian, e que identifica os temas mitológicos (detectados nos contos maravilhosos) com os pensamentos elementares da espécie humana (contribuições à psicologia comparada, 1874).

Segundo essa corrente, tais pensamentos seriam congênitos a cada indivíduo; daí que tivessem aparecido elementos narrativos muito semelhantes nas diversas histórias populares nacionais, oriundas de regiões tão distantes e diferentes entre si como a Índia, a Babilônia e os Mares do Sul. Por essa interpretação, as identidades encontradas entre mitos e narrativas maravilhosas resultariam não de migrações, mas de um fundo psicológico comum a todos os homens. De certa maneira, Bastian (2008) aproxima-se da posição que Jung vai assumir mais tarde, quando

cria a teoria do inconsciente coletivo e dos arquétipos. A partir de teorias animistas, Bastian explica os contos de fadas como remanescentes de uma fé em decadência ou de um rito antigo que morrera como costume popular, porém permanecera na forma dos contos. Nesse sentido a interpretação e figurações simbólicas nas narrativas maravilhosas ou em locuções comuns entre o povo como formas esvaziadas de seu significado religioso e primordial.

Por exemplo, reconhece na história *Chapeuzinho Vermelho* e em sua avó o mito do sol crescente e do sol no ocaso, isto é, da Aurora matutina e Aurora vespertina. No lobo que a devora, vê personificada a noite que engole a claridade e depois é rompida pelo sol. Em Cinderela, descobre o mito da aurora perseguida ou libertadora, tal como aparece nos hinos dos Vedas. No mito de Eros. Essa linha de pesquisa interpreta os contos, as lendas narrativas maravilhosas como formas decadentes de antigos mitos fetichistas, absorvidos pela fantasia popular, as interpretações de natureza mítico –simbólica vão gradativamente cedendo espaço para as de natureza psicanalítica, e nessa perspectiva o conto *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, é interpretado como uma variante do conflito macho/femea, existente no mito da criação.

A possível significação simbólica dos contos populares maravilhosos, em relação aos fenômenos da natureza e a certos rituais primitivos, tem atraído muitos estudiosos. Segundo Jung (2008) é nesse imenso e misterioso amálgama de forças e impulsos ancestrais, o autor aponta raízes da simbologia presente nos mitos e contos de fadas e também a eles atribui não só a identidade de motivos que aparecem nesses mitos e contos.

2.2 OS PRINCIPAIS SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS EM O PATINHO FEIO

Os tempos mudam, mas a condição humana continua a mesma. A linguagem simbólica é, pois, a mediadora entre o espaço imaginário. Os símbolos são muito importantes na obra literária *O patinho feio*. Trata-se de um pato que se transforma em cisne. A análise formalista dos contos que se aplicam aos componentes básicos da estrutura narrativa coloca de lado as ideologias, uma vez que foram feitas análises da matéria arquetípica encontrada nos contos de fadas (realizadas por Jung e por sua maior discípula Marie- Louise von Franz), ligada à realização da alma humana, em busca de seu centro. Daí que as personagens, as situações ou conflitos que provocam a fabulação, as peripécias e os desenlaces correspondam a imagens, ou o processo de busca da identidade. Podemos notar que o conto de Andersen criou uma possibilidade de expressão linguística muito coerente e dotada de um significado bem claro. Diferentemente do

termo “ovelha negra” que tem hoje um significado exclusivamente pejorativo, “Patinho feio” nos remete a alguém que supera sua “feiura” ou que descobre sua beleza em algum momento de sua vida.

O conto de Andersen trata especificamente do paradigma da beleza e feiura e expõe de forma muito eloquente a incoerência dos padrões de beleza preestabelecidos, pois os irmãos do patinho feio, que era na verdade um cisne em um ninho de patos, caçoavam dele por este ser muito “grande” e “desengonçado”, diferente de todos os outros. Se se julga a diferença do outro baseado em seus próprios conceitos, corre-se o risco de cair na mesma armadilha dos patinhos que eram todos iguais, pois irá se julgar utilizando parâmetros pessoais e preconceituosos. Os irmãos estavam cegos ao fato de aquele patinho desengonçado ser na verdade uma outra espécie de ave. Ou seja, esses irmãos tinham uma visão muito rasa da realidade.

A simbologia desse conto é uma forma de introduzirmos na criança, de uma forma lúdica, a noção de preconceito, prejulgamento, padrões abstratos e exclusão. Aspectos que toda criança terá que enfrentar no decorrer de sua vida, e podemos dizer, sem exagero, que *O Patinho Feio* de Andersen sintetiza um fenômeno universal, pois todos os conceitos que nos rodeiam são construções sociais abstratas e por isso divergentes de uma sociedade para outra.

O relativismo no conceito de belo e feio é exposto por Andersen no fato de que o patinho feio não precisou de um beijo de uma princesa ou de uma poção mágica para se tornar uma ave de grande beleza. Ele simplesmente cresceu e todos descobriram que ele não era um pato. O patinho feio, agora um belo cisne, simplesmente descobriu quem realmente era e sua família de patos tiveram que conviver com o fato de eles estarem cegos por um padrão de beleza irreal.

Em termos concretos e realista, esse conto refere-se a uma criança falsamente apresentada como legítima. Mostrando a falta de adaptação à família e a sensação de insatisfação e não pertencimento, até o momento em que encontra a sua verdadeira família de origem. Mas as crianças que são legítimas podem ter o mesmo sentimento de inadequação do patinho feio em sua família de origem.

É extremamente comum a criança tomar para si a culpa pela separação. Assim como na animação, já vi em alguns casos clínicos a mãe literalmente culpar a criança pelos infortúnios, pela sobrecarga de responsabilidade e por ter que sustentar a casa sozinha, após a separação.

Isso gera uma alienação semelhante a do Patinho Feio, mas mesmo que não ocorra a separação em um nível mais sutil e simbólico o Patinho Feio age em maior ou menor grau, na experiência de toda mãe e filho.

No entanto, apesar de termos um substrato comum, que Carl Jung (2008) denominou inconsciente coletivo, somos seres distintos um dos outros. Apesar de todos termos um nariz, dois olhos e uma boca, não existe um rosto igual ao outro. Conforme Carl Jung (2008), a busca da individualidade (que é o tema do conto), é uma tendência ou sentido de desenvolvimento, que se separa de uma dada coletividade. E esse desenvolvimento da personalidade é simultaneamente um desenvolvimento da sociedade.

A repressão da individualidade pela predominância de ideias de organizações coletivas significa a decadência moral da sociedade. No entanto, podemos sentir e conhecer, com o patinho feio o caminho para a solução da angústia. Ele mostra que nada se pode fazer sem um esforço, e que não se pode progredir sem passar pela noite escura da alma, sem encarar seus medos. Só assim é possível encontrar nosso valor interno e renascer. Andersen, utilizando o cisne para simbolizar um renascimento, trata de uma bela ave, que passa por uma metamorfose, ocasionando a transformação do pato em cisne.

3 A CRISE DE IDENTIDADE EM O PATINHO FEIO

A identidade é o aspecto mais importante de um indivíduo. Cada pessoa desenvolve a sua. Possuímos características distintas que nos diferenciam dos outros e estas estão relacionadas com a nossa história de vida pessoal

De acordo com Hall:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2011, p.7)

O processo de construção de identidade é contínuo e ao longo do tempo podemos nos deparar com situações conflitantes, gerando crises de identidade. Elas podem ocorrer em qualquer fase da vida e servem para reestruturar a pessoa diante de um mundo em constante mudança, como no conto *O patinho feio*.

O autor Hans Christian Andersen deixa claro que o personagem tem um conflito consigo mesmo, pois a partir do momento que ele é desprezado por seus respectivos irmãos, passa a não saber quem ele é verdadeiramente. É por conta disso que, ao ver seu reflexo no lago, ele passa por um processo de estranhamento, pois não acha que faz parte dessa família, visto que não se enxerga como um pato comum, ele se olha e não se reconhece pelo fato de ser diferente. Assim, sente-se excluído, lidando com um terrível conflito, que é não saber quem é e a qual família pertence, e principalmente não saber o seu lugar no mundo.

Neste sentido, Ciampa (1984) nos leva a refletir sobre a questão da crise de identidade. Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos– biológicos, psicológicos, sociais, etc. – que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há como uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado. (CIAMPA, 1984, p. 65).

3.1 O CONCEITO DE IDENTIDADE: BREVE PANORAMA

Hall (2011, p 10) descreve três concepções de identidade: a identidade do sujeito do iluminismo, do sujeito biológico e o sujeito pós- moderno. O sujeito do iluminismo está baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consiste num núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce e com ele se desenvolve, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo contínuo ou idêntico a ele ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do “eu” é a identidade de uma pessoa. Direi mais sobre isso em seguida, mas pode-se ver que essa é uma concepção muito “individualista” do sujeito e da identidade “dele”, já que o sujeito do iluminismo é usualmente descrito como masculino.

Em Hall (2011), a noção do sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos, a cultura dos mundos que ele/ela habita. Os interacionistas simbólicos, que elaboraram essa concepção, são figuras-chave na sociologia interativa da identidade, formada na interação entre o eu e a sociedade.

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” entre o mundo pessoal e o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós.

Segundo Hall (2011, p. 11), o sujeito pós-moderno passa por um processo no qual é conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas ao menos temporariamente.

3.2 O CONFLITO DE EXISTÊNCIA EM O PATINHO FEIO

No conto *O patinho feio*, percebemos que cada indivíduo tem dentro de si uma personalidade que deve ser respeitada, independente de sua cor, raça, características e religião, mas em contrapartida, nesse conto, o personagem em questão não sabe direito quem é, ou seja, ele passa por um processo de crise, pois quando vê o seu reflexo no lago, logo se pergunta: “- Por que tenho a cor diferenciada dos outros patos?” (ANDERSEN 1993, p.12). É a partir desse momento que ele começa a questionar a sua verdadeira identidade e começa a perceber que há algo de estranho com ele. Com isso, o mesmo começa a observar as famílias dos outros animais para ver se pertence a alguma delas.

No entanto, a sua busca é frustrada, pois não encontra características parecidas com a sua. O patinho feio até tenta aproximar-se dos irmãos, mas eles o excluem da convivência, pelo fato do mesmo não ter as características correspondentes a deles, ou seja, os irmãos do patinho não entendem que se trata de um processo de formação, que cada pessoa tem a sua identidade diferente das outras e que nem por isso é mais bonito ou feio.

Portanto, a ideia do conto é que o ser vivo sempre está em um processo de transformação, ou seja, não é por que o patinho feio não tem as mesmas características de um pato que ele deve ser desprezado por seus irmãos. Isso faz com que o pato entre em conflito e começa a fazer perguntas como, por exemplo: Quem sou eu? De onde vim? A qual família pertencço? Fazendo uma comparação entre o conto e a vida real, existem algumas pessoas que também fazem esse tipo de questionamento, pois chega um determinado momento que o indivíduo não se reconhece mais, e pergunta por que ele não se encaixa nos padrões da sociedade, ocorrendo assim uma crise de identidade.

Quando o indivíduo passa a não aceitar a sua verdadeira identidade, ele começa a querer se esconder da sociedade, ou seja, ocorre um processo de isolamento, pois ele entra em conflito consigo mesmo e não se aceita. O personagem patinho feio precisa de uma interação com os irmãos, mas eles não possibilitam essa aproximação, pelo fato dele ser diferenciado. Ao sofrer exclusão, o patinho feio não se aceita da forma como é.

Com isso o personagem não consegue interagir no meio social, pois é rejeitado por não possuir as características de um pato comum. Ele se sente inferior por não possuir a cor e a fisionomia parecida com os outros patos, mas é necessário respeitar as diferenças de cada um, pois o excluído é muito isolado do convívio social, passando por um processo de não aceitação, ou

seja a pessoa não aceita não está dentro dos padrões, e de ter características que não correspondem aos padrões.

O signo *pato* simboliza a imortalidade e representa, em muitas culturas, a criação. Para os japoneses, tendo em conta que o casal de patos nada sempre junto, o pato representa a harmonia matrimonial e a fidelidade. Para os celtas, por sua vez, o pato representa a desenvoltura e a honestidade. Mas, em muitas culturas, pelo fato de flutuar, o pato está associado à superficialidade, à tolice e ao engano.

Já o cisne simboliza transformação no conto o Patinho Feio, Após crescer sob a discriminação dos patos por ser diferente, o patinho feio e desengonçado se afasta. No final da história vê sua imagem pela primeira vez refletida na água e descobre que tinha se transformando em um belíssimo cisne. Esse conto nos lembra um potencial inerente de glória, poder e beleza. Nos encoraja a ter fé e perseverança, rumo ao nosso direito inato de felicidade. E nos ensina a nos aceitar como somos.

Nesse conto há a simbologia da família também uma vez que o patinho não se reconhece na família que foi inserida e quando não aceitam ele da forma que ele é, pois existem algumas pessoas que passam muitos anos da sua vida achando que são uma coisa e na verdade são outras, ou seja quando numa família o pai quer que o filho seja um cisne, quando na verdade ele é um pato, ao acreditar nas pessoas não tendo um posicionamento crítico sobre determinado assunto e não alçando voos altos com seu posicionamento indo atrás e lutando pelos seus objetivos como poderia usar a simbologia do cisne, com uma transformação de personalidade assumindo o seu posicionamento crítico e não utilizando o posicionamento do senso comum como um pato.

3.3 A RELAÇÃO ENTRE HANS CHRISTIAN ANDERSEN E O PATINHO FEIO

O autor Hans Christian Andersen deixa claro que o personagem tem um conflito consigo mesmo, pois a partir do momento que ele é desprezado por seus respectivos irmãos, passa a não saber quem ele é verdadeiramente. É por conta disso que, ao ver seu reflexo no lago, ele passa por um processo de estranhamento, pois não acha que faz parte dessa família, visto que não se enxerga como um pato comum, ele se olha e não se reconhece pelo fato de ser diferente. Assim,

sente-se excluído, lidando com um terrível conflito, que é não saber quem é e a qual família pertence, e principalmente não saber o seu lugar no mundo.

Neste sentido, Ciampa (1984) nos leva a refletir sobre a questão da crise de identidade. Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos— biológicos, psicológicos, sociais, etc. — que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há como uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado (CIAMPA, 1984, p. 65).

Portanto, a ideia do conto é que o ser vivo sempre está em um processo de transformação, ou seja, não é por que o patinho feio não tem as mesmas características de um pato que ele deve ser desprezado por seus irmãos. Isso faz com que o pato entre em conflito e começa a fazer perguntas como, por exemplo: Quem sou eu? De onde vim? A qual família pertencço? Fazendo uma comparação entre o conto e a vida real, existem algumas pessoas que também fazem esse tipo de questionamento, pois chega um determinado momento que o indivíduo não se reconhece mais, e pergunta por que ele não se encaixa nos padrões da sociedade, ocorrendo assim uma crise de identidade.

Quando o indivíduo passa a não aceitar a sua verdadeira identidade, ele começa a querer se esconder da sociedade, ou seja, ocorre um processo de isolamento, pois ele entra em conflito consigo mesmo e não se aceita. O personagem patinho feio precisa de uma interação com os irmãos, mas eles não possibilitam essa aproximação, pelo fato dele ser diferenciado. Ao sofrer exclusão, o patinho feio não se aceita da forma como é. Com isso o personagem não consegue interagir no meio social, pois é rejeitado por não possuir as características de um pato comum.

Ele se sente inferior por não possuir a cor e a fisionomia parecida com os outros patos, mas é necessário respeitar as diferenças de cada um, pois o excluído é muito isolado do convívio social, passando por um processo de não aceitação, ou seja a pessoa não aceita não está dentro dos padrões, e de ter características que não correspondem aos padrões. Hans Christian Andersen era filho de um sapateiro e sua família morava num único quarto. Apesar das dificuldades, ele aprendeu a ler desde muito cedo e adorava ouvir histórias.

A infância pobre deu a Andersen a chance de conhecer os contrastes de sua sociedade, o que influenciou bastante as histórias infantis e adultas que viria a escrever. Em 1816, seu pai morreu e ele, com apenas 11 anos, precisou abandonar a escola, mas já demonstrava aptidão para o teatro e a literatura.

Aos 14 anos, Andersen foi para Copenhague, onde conheceu o diretor do Teatro Real, Jonas Collin. Andersen trabalhou como ator e bailarino, além de escrever algumas peças. Em 1828, entrou na Universidade de Copenhague e já publicava diversos livros, mas só alcançou o reconhecimento internacional em 1835, quando lançou o romance "O Improvisador".

Apesar de ter escrito romances adultos, livros de poesia e relatos de viagens, foram os contos infantis que tornaram Hans Christian Andersen famoso. Até então, eram raros livros voltados especificamente para crianças.

Em suas histórias Andersen buscava sempre passar padrões de comportamento que deveriam ser adotados pela sociedade, mostrando inclusive os confrontos entre poderosos e desprotegidos, fortes e fracos. Ele buscava demonstrar que todos os homens deveriam ter direitos iguais.

Entre 1835 e 1842, Andersen lançou seis volumes de *Contos* para crianças. E continuou escrevendo contos infantis até 1872, chegando à marca de 156 histórias. No final de 1872, ficou muito doente e permaneceu com a saúde abalada até 4 de agosto de 1875, quando faleceu, em Copenhague.

Graças à sua contribuição para a literatura para a infância e adolescência, a data de seu nascimento, 2 de abril, é hoje o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil. Além disso, o mais importante prêmio internacional do gênero leva seu nome.

Anualmente, a International Board on Books for Young People (IBBY) oferece a Medalha Hans Christian Andersen para os maiores nomes da literatura infanto-juvenil. A primeira representante brasileira a ganhá-la foi Lygia Bojunga, em 1982.

Entre os títulos mais divulgados da obra de Andersen encontram-se: *O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*, *A roupa nova do Imperador*, *A pequena sereia* e *A Menina dos*

Fósforos. São textos que fazem parte do imaginário da maioria das crianças do mundo desde sua publicação até a atualidade, tendo sido adaptados para o cinema, o teatro, a televisão, o desenho animado

Ao escrever o conto *O patinho feio* o autor viu a possibilidade de transformar a sua história, pois quando era criança ele se via desengonçado e a pobreza da família impediu sua educação formal, e tudo levava a crer que ele também se dirigia a um ofício de artesão, como o pai mas este morreu em 1816, quando Hans Cristian tinha 11 anos. Ficou como único homem da família cheia de mulheres, até que a mãe casou de novo, em 1818. Não acreditando ter futuro permanecesse em Odense, resolveu se transferir para Copenhague em 1819, onde pensava fazer fortuna.

Começa a trabalhar no teatro, mas passa por grandes dificuldades, até que Jonas Collin, diretor do teatro real, resolve ajudá-lo, financiando seus estudos secundários e superiores após ser humilhado por professores sua determinação não deixa-o desistir conclui o estudo da faculdade e recebe o diploma se tornando tradutor e escreve peças de teatro, o patinho feio pertence a coleção lançada em 1844 e corresponde a fase em que Andersen já não se preocupava em reproduzir relatos ouvidos na infância .

Acreditamos que o personagem *patinho feio* seja um pseudônimo de Andersen, pois ele se sentia desengonçado, era mal visto pela sociedade, sendo de uma família de baixa renda, ou seja, da camada popular na sociedade. Andersen viu em seu conhecimento a possibilidade de ser reconhecido pelas suas criações literárias e de transformar a sua vida utilizando a literatura como poder transformador.

Portanto, ao criar o conto *O patinho feio*, o autor Hans Christian Andersen quis mostrar para as pessoas que todo nós temos a possibilidade de transformar a nossa vida. Entretanto, para isso acontecer, devemos nos aceitar do jeito que somos e também nos acostumar a passar por mudanças e transformações e aceitá-las. É possível com determinação ser aquilo que se sonha ser. Mas para tanto, é necessária determinação e força de vontade, pois na vida real as coisas não acontecem num passe de mágica. Se realmente queremos algo, devemos nos esforçar e nos dedicar para alcançarmos a mudança necessária e o poder transformador da leitura na vida da pessoa, como uma educação sem preconceitos, podem transformar uma vida e através da mesma se ter uma melhor convivência coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a obra literária *O patinho feio* com o objetivo de entender por que a personagem passava por uma crise de identidade, mas, ao começar a pesquisar, fiquei curiosa para saber por que o universo dos clássicos torna-se fascinante para as crianças, e qual a importância de ler os contos infantis, pois me recordo que quando era criança gostava de ler esse tipo de conto e ficava fascinada com o desfecho de alguns deles, mas o principal era o conto *O patinho feio*. Hoje, graduanda e concluindo a licenciatura, percebo que esse conto vai além de uma história com um final feliz

O estudo do personagem patinho feio segundo seu modo de entrar em cena nos leva a entender os problemas enfrentados pelos personagens dos contos infantis: afastamentos, designações, proibições, transgressões, transformações.

Ao concluir a faculdade, pretendo exercer a profissão de professora da educação básica, assim, vejo mais ainda a importância deste estudo, ao trazer a literatura infantil à baila, em especial os contos infantis, sua origem, a diferença entre contos de fadas e contos maravilhosos; como eles se estruturam; sua importância para aguçar a fantasia, a imaginação e os sonhos infantis.

Por mais antigo que seja o conto *O patinho feio*, o mesmo continua atual, visto que se trata de um texto que conta a transformação de um cisne, o qual foi confundido com um patinho desde o nascimento até a idade adulta, explorando os equívocos que fazemos sobre nós mesmos, sobre quem pensamos que somos e a verdadeira natureza do nosso ser.

REFERÊNCIAS

BATELLA, Nádía. **Teoria do conto**. São Paulo, Ática, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise nos Contos de Fadas**. 6. ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro 1980.

CIAMPA, A. Identidade. In: W.Codo&S &S. T. M Lane(Org.). **Psicologia social: o homem em movimento** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria-análise-didática**. 4. ed. São Paulo: Queron, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis, 2002.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso: estudo tipológico- estrutural do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ANEXOS

ANEXO A - O PATINHO FEIO

Era uma delícia só lá campo; era verão! O trigo estava dourado, a aveia verde, o feno cortado e empilhado sobre o prado, cegonhas andavam sobre suas longas pernas vermelhas e falavam egípcio, porque tinham aprendido esse idioma de suas mães. Ao redor das lavouras e prados, bosques e lagos profundos; sim, estava verdadeiramente delicioso no campo!

Em meio a essa paisagem ensolarada havia uma velha herdade cercada de canais profundos, e seus muros, até chegar a água, estavam cobertos de enredadeiras com folhas tão grandes que as crianças podiam ficar de pé sob a maior delas; ali era quase tão selvagem quanto no ventre do bosque, e ali sentava-se uma pata em um ninho; ela chocava os ovos à espera dos patinhos, mas começava a ficar aborrecida, porque estava no choco há muito tempo e recebia poucas visitas; suas amigas preferiam nadar nos canais a subirem até lá e ficarem acoradas debaixo das folhas conversando com ela.

Finalmente, um após o outro, os ovos foram estalando: pip, pip! diziam, e as gemas adquiriram vida e botavam a cabecinha de fora. “Rápido, rápido! dizia ela, e os filhotes saíam mais rápido que podiam e sentavam-se sob as folhas verdes, e a mãe deixava – os olhar o quanto quisessem, pois o verde faz bem para os olhos.” Como o mundo é grande! Admiravam-se os filhotes; com razão, pois agora tinham muito mais espaço do que dentro do ovo.

“Vocês pensam que este é o mundo inteiro “disse a mãe; o mundo se estende até o outro lado do jardim e chega perto do quintal da igreja; mas até lá eu nunca fui! Bem, vocês já estão todos aqui! - e então ela levantou-se,” não, ainda estão todos! O ovo maior ainda não abriu; como demora! Já começo a ficar chateada com isso!” – e deitou-se outra vez no ninho.” Então, como vai indo? “Perguntou uma velha pata que veio fazer uma visita. Um

ovo está demorando demais disse a pata chocando; não há jeito de descascar! Mas vai dar uma olhada nos outros! São os patinhos mais lindos que eu já vi! Todos se parecem com o pai, aquele malandro que não veio me fazer nunca uma visita.”

Deixa eu ver o ovo que não quer descascar disse a pata velha.” Pode acreditar que é um ovo de peru! Eu já fui lograda assim uma vez e só eu sei o trabalho que tive para criar aquele bicho, porque ele tinha medo da água e não havia meio de fazê-lo entrar no tanque! Eu gritava e empurrava mas não tinha jeito!

O último ovo estalou e nasceu um pato totalmente diferente dos outros e a pata imaginou que ovo por ser diferente que era um peru, mas a mamãe pata esperta que era resolveu fazer um teste levou todos os patinhos para nadar e percebeu que o ultimo patinho não era um peru, pois nadava igual aos outros patos, ao chegarem no quintal dos patos, a pata mais velha falou: -Veja só agora vamos ter outra turminha aqui dentro como se já não fossemos suficiente! E vejam aquele pato como é feio! E a pata bicou o patinho e a mamãe pata reclamou deixe-o em paz! Ele não fez mal algum, mas ele é grande demais precisa apanhar! Respondeu a outra pata. Ela elogiou os outros patos, disse que todos saíram muito bem, menos aquele ali, eu gostaria que a senhora pudesse chocá-lo outra vez.

A mamãe pata tentou argumentar que o pato era bonito do jeito dele, quando ele crescer vai ficar mais bonito quem sabe até um pouco menor, ele deve ter saído grande porque ficou muito tempo dentro do ovo, por isso não saiu com um formato bom, o patinho foi ignorado pelos outros animais só pelo fato de ser diferente os outros bicaram e expulsaram o pato por causa da sua aparência diziam que eles era feio, as galinhas o pavão, o pobre patinho foi rejeitado por todos até seus irmãos e sua mãe maltratavam, os irmãos torciam para o gato comer o patinho. O patinho fugiu, ao amanhecer o patinho encontrou os patos selvagens.

Quando o patinho acordou os patos selvagens perguntaram: Quem é você? os patinhos falaram você é um bocado feio, mas os patos falaram que isso não interessava desde que ele não casasse com alguém da família deles, coitado o pato pensou o que eu quero é beber água, ficou por ali durante dois dias, quando os gansos selvagens chegaram falaram para o patinho: - Olhe companheiro você é tão feio que eu até gosto de você! E convidou a patinho para ir com eles, pois assim o patinho com a sua feiura teria possibilidade de arranjar uma namorada, ao chegarem no brejo os gansos selvagens foram mortos por caçadores, o patinho ficou assustado e decidiu correr o mundo, flutuando e mergulhando na água, mas todos os animais do brejo o desprezavam por sua feiura.

Numa tarde de sol descia o patinho para o bosque, quando aproximaram lindas aves que eram brancas e brilhantes tinham os pescoços longos e flexíveis: eram cisnes e soltaram gritos estranhos, abriram suas vistosas e imensas asas e voaram bem alto. O patinho feio ficou maravilhado rodando na água feito um pião, de pescoço estirado, olhando para eles e soltou um grito tão alto e deslumbrado que ele mesmo se assustou.

O patinho mergulhou fundo quando perdeu as aves de vista, e ao voltar está fora de si, pois não sabia como se chamavam aqueles pássaros nem para onde estavam voando, mas gostou deles como jamais antes tinha gostado de alguém, não sentiu inveja, como poderia desejar para si tal delícia de ser aceito por exatamente ser quem ele era, e o inverno foi ficando tão frio que o patinho era obrigado a nadar constantemente para evitar que a água congelasse, mas, cada noite, o espaço onde ele nadava ficava menor e menor; o patinho tinha de mover continuamente os pés para que a água não endurecesse ao redor; por fim, o cansaço o venceu e ele ficou imóvel, prisioneiro do gelo.

Ao acordar de manhã cedo, passou um camponês e viu-o, aproximou-se, quebrou o gelo com o tamanco, libertou-o e levou-o para sua casa, entregando-o a sua mulher. Lá o patinho reanimou-se. As crianças queriam brincar com ele, mas o patinho pensou que elas queriam maltrata-lo e fugiu, caindo no latão de leite, o patinho ficou assustado e voou da panela esbarrando no tacho de manteiga e caindo depois na barrica de farinha de trigo, a mulher correu atrás do patinho e as crianças caçavam o patinho, e riam e gritavam, o patinho foi esperto e conseguiu esconde-se atrás de um arbusto coberto de neve e ali o patinho dormiu.

Ao acordar o patinho decidiu que já deveria ter ido embora, ao sair voando o patinho reencontrou as aves brancas e brilhantes, porém ele ficou com medo das aves se assustarem com a sua feiura, mais mesmo assim aproximou-se das aves, e ele nadou junto com as belas aves, as belas aves aproximaram-se do patinho e ele ficou muito assustado e gritou podem me matar, mas algo inesperado aconteceu. O patinho viu o seu reflexo na água, e percebeu que já não era mais um pássaro cinzento e sim que era um cisne. O patinho ficou tão contente com a descoberta que saiu voando, ao aterrissar em um belo jardim encontrou algumas crianças que atiravam pães e grãos de trigo no lago, ao chegar no lago a criança gritou: chegou um novo cisne, as crianças ficaram tão felizes bateram palmas e foram chamar seus pais para conhecer o belo cisne. O patinho ficou encabulado e escondeu a cabeça na asa, sem saber o que fazer; estava muito feliz, mas não arrogante, porque um bom coração não fica jamais arrogante; pensou no quanto foi perseguido e agora ouvia todos dizendo que ele era lindo descobrindo assim a sua verdadeira identidade.

